

Ficções em Gaia: uma investigação sobre os seres da ficção nas ciências de Gaia

João Victor de Almeida Consoli

Mestrando em Filosofia na PUC-Rio

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/7087018296404332>

jonconsoli27@gmail.com

30

Quem somos sem a capacidade de produzir ficção? Onde se localiza a estória na produção do conhecimento e como produzimos nossos discursos? A imaginação, a fábula, o sonho e a poesia atravessam e habitam nossas mentes como cometas que atravessam o universo. “O acadêmico, assim como o escritor, é obrigado a convocar sua imaginação para trabalhar os conceitos dos fenômenos estudados, sejam eles o movimento das estrelas ou o funcionamento dos eclipses”. (Ait-Touaïti, 2011, p. 10, tradução nossa), Dessa maneira, como podemos compreender e como podemos lidar com o entrelaçamento dos seres da ficção na produção do conhecimento científico, principalmente quando falamos das ciências de Gaia?

Para a autora Donna Haraway, a ficção está muito próxima da produção dos fatos, mas se difere quanto ao discurso e ao tempo verbal. “Extraída de um particípio presente, a ficção está em processo e ainda em jogo, inacabada, ainda propensa a entrar em conflito com os fatos, mas também sujeita a nos mostrar algo que ainda não sabemos ser verdade, mas que saberemos”. (Haraway, 2016, p. 27), pensando a partir dessa citação, o lugar de onde os fatos ocupam, foram outrora o lugar da ficção. A invenção do oxigênio por Lavoisier (Kuhn, 2001, p. 80) a invenção dos micróbios por Pasteur (Latour, 1999, p. 133) e até mesmo a viagem à Lua, narrada por Kepler em “Somnium” (Ait-Touaïti, 2011, p. 17) são fortes exemplos dessa interseção da ficção e suas formas narrativas com a produção do conhecimento científico.

A partir dessa noção, podemos pensar de que forma o discurso da ficção faz parte das ciências que compõem Gaia. Como podemos, a partir da ficção que compõe também a produção de conhecimento científico, pensar Gaia, uma nova espécie de ser científico que, de acordo com Isabelle Stengers, “Não é um ser vivo, muito menos um ser

cibernético; pelo contrário, é um ser que exige de nós complicação da divisão entre vida e não-vida” (Stengers, 2015, p. 137, tradução nossa).

Dessa maneira, me debruço neste momento a buscar as perguntas que devem ser trazidas à tona para dar voz, mais uma vez, a ficção e, além disso, compreender como Gaia se comporta e interage com esses seres, visto que “Gaia, como um ser científico, não ignora os emaranhamentos mundanos”, e talvez não ignore, também os seres da ficção. (Stengers, 2015, p. 138, tradução nossa).

31

Palavras-chave: Ficção. Gaia. Filosofia da ciência. CTS. Antropoceno.

Bibliografia

AÏT-TOUATI, F. *Fictions of the Cosmos*. Science and Literature in the Seventeenth Century. Tradução: Susan Emmanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

HARAWAY, D. *O manifesto das espécies companheiras*: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KUHN, T. S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 6. ed. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LATOUR, B. *A esperança de Pandora*: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

STENGERS, I. Accepting the reality of Gaia: a fundamental shift?. In: HAMILTON, C; BONNEUIL, C; GEMENNE, F. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis: Rethinking modernity in a new epoch*. Londres/Nova York: Routledge, 2015, pp. 134-144.